



MONITOR ECONÔMICO

Maio.2017



CENÁRIO
INTERNACIONAL



CENÁRIO
BRASIL E MINAS



ANÁLISE SETORIAL

SUMÁRIO



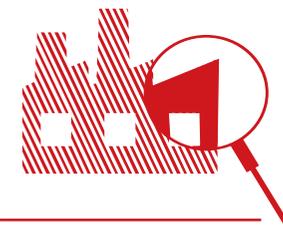
CENÁRIO INTERNACIONAL

SÍNTESE	<u>03</u>
ECONOMIA MUNDIAL	<u>04</u>



CENÁRIO BRASIL E MINAS

PRODUÇÃO INDUSTRIAL	<u>07</u>
CONFIANÇA E EXPECTATIVAS	<u>10</u>
FATURAMENTO	<u>11</u>
SERVIÇOS	<u>12</u>
COMÉRCIO	<u>13</u>
EMPREGO	<u>14</u>
CRÉDITO	<u>16</u>
FINANÇAS PÚBLICAS	<u>18</u>
INFLAÇÃO E JUROS	<u>19</u>
CÂMBIO	<u>20</u>
SETOR EXTERNO	<u>21</u>
PROJEÇÕES	<u>24</u>



ANÁLISE SETORIAL

AUTOMOTIVO	<u>25</u>
MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS	<u>26</u>
CONSTRUÇÃO CIVIL	<u>27</u>
INDÚSTRIA EXTRATIVA	<u>28</u>
METALURGIA	<u>29</u>

SÍNTESE

Em abril, o número de contratações - acima das expectativas do mercado - resultou na queda da taxa de desemprego nos Estados Unidos. Essa tendência, observada desde o início do ano, fortalece as expectativas de alta dos juros pelo FED em junho. No entanto, ainda há riscos em relação às orientações protecionistas sugeridas pela administração norte-americana.

Na Europa, o Banco Central manteve os juros inalterados e anunciou que manterá o programa de compra de ativos até o fim do ano. A sustentação do nível atual de injeção de liquidez na economia reforça as bases para a volta do crescimento sem movimentos bruscos nos mercados.

Na China, os bons resultados do primeiro trimestre de 2017 proporcionaram ao governo a oportunidade de implantação de medidas que visam a redução dos riscos financeiros sistêmicos. No entanto, essas iniciativas tendem a impactar negativamente a demanda por *commodities*.

ECONOMIA MUNDIAL	PIB 2015	3,2%
	PIB 2016 ^(e)	3,1%
	PIB 2017 ^(e)	3,4%

(e)Estimativas: FMI.

A produção industrial brasileira encerrou o mês de março com forte queda de 1,8%, comparado com o mês imediatamente anterior, na série livre de influências sazonais. Esse foi o pior resultado para o mês desde o início da série histórica, em 2002.

Apesar do resultado negativo de março em relação ao mês anterior, a produção encerrou o primeiro trimestre de 2017 com crescimento de 0,6% em relação a igual período de 2016, com perspectivas de recuperação gradual da atividade do setor industrial nos próximos meses, embora em ritmo lento. No acumulado dos 12 meses, a produção ainda se encontra no campo negativo, embora registre quedas cada vez menores.

Segundo o Boletim Focus, as expectativas são de crescimento da produção industrial de 1,3% ao final de 2017.



O saldo do CAGED registrou fechamento de 63.624 postos de trabalho no Brasil em março, acumulando um fechamento líquido de 64.378 postos no primeiro trimestre do ano. Por outro lado, em Minas Gerais, o saldo de março apontou fechamento líquido de apenas seis postos de trabalho formal, acumulando uma abertura líquida de 9.969 postos no primeiro trimestre de 2017. O principal descolamento no saldo de emprego entre Minas Gerais e o Brasil é observado na indústria (principalmente na indústria extrativa e na construção civil), com abertura líquida de 10.386 postos no estado contra o fechamento líquido de 1.512 postos no país, no acumulado de janeiro a março de 2017.

Na reunião de abril, o COPOM reduziu a taxa básica de juros em 1,00 p.p., para 11,25% a.a.. Nas últimas semanas, em função de resultados de atividade abaixo do esperado, cresceu a probabilidade de corte de 1,25 p.p. em maio. De acordo com o relatório Focus*, o mercado estima desde o mês passado a taxa Selic a 8,5% ao final de 2017 e de 2018. Essa estimativa é consistente com o encerramento do ciclo de afrouxamento monetário na segunda metade de 2017. Vale lembrar que o ciclo de redução da Selic, tal como vem sendo sinalizado pelo Bacen, é compatível a visão de lenta e gradual recuperação do consumo e do investimento ao longo dos próximos meses.



CENÁRIO INTERNACIONAL

EUA

PIB 2015	2,6 %
PIB 2016	1,6 %
PIB 2017(e)	2,3 %



**PERSPECTIVAS DE
ALTA DOS JUROS
SE REFORÇAM E
TENDÊNCIAS
PROTECIONISTAS
GERAM
INCERTEZAS**

O destaque do mês de abril foi o anúncio da criação de 211 mil vagas de emprego, resultado acima das expectativas (190 mil). A taxa de desemprego alcançou 4,4%, a mais baixa desde maio de 2007. Os números reforçam a expectativa de alta dos juros no próximo mês pelo FED, que decidiu manter os níveis inalterados em maio, já que a inflação se manteve abaixo dos 2,0%. Todavia, as quedas sucessivas do desemprego ainda não pressionaram os salários, inibindo um ritmo mais acelerado que o esperado da alta dos juros em 2017.

Apesar do baixo crescimento interanual do PIB no primeiro trimestre (0,7%) e da desaceleração da produção industrial desde janeiro 2017, o indicador PMI* registrou 52.8 pontos em abril, após ter alcançado 53.3 pontos em março. mantendo uma tendência clara de recuperação desde o início do ano.

No âmbito político, como divulgado na [Informação Estratégica do dia 26/04](#), há riscos para a indústria mineira com a manutenção da retórica protecionista do presidente Trump, que anunciou a abertura de investigações sobre as importações norte-americanas de aço. O plano de corte de impostos anunciado pelo Tesouro deverá ser auto-sustentável para obter aprovação no Congresso, o que poderia resultar na adoção de um imposto na fronteira para equilibrar as contas públicas. Caso adotado, o imposto prejudicaria as indústrias que exportam para o país. O plano de corte de impostos poderá também prejudicar a realização de obras de infraestrutura prometidas durante a campanha de Donald Trump, diminuindo as expectativas de exportações de minério de ferro.



CENÁRIO INTERNACIONAL

ÁREA DO EURO	PIB 2015	2,0 %
	PIB 2016 ^(e)	1,7 %
	PIB 2017 ^(e)	1,6 %



**BCE MANTÉM OS
JUROS
INALTERADOS
EM UM
AMBIENTE DE
VOLTA DO
CRESCIMENTO**

A retomada gradativa da confiança na Área do Euro está se consolidando. No primeiro trimestre de 2017 em relação ao mesmo período do ano passado, o PIB da região cresceu 1,7%. A recuperação da economia vem sendo observada em vários países do bloco. A tendência de melhora é confirmada pelos dados do PMI*. O índice atingiu 56.8 pontos em abril, acima das expectativas e do resultado do mês anterior. O Indicador de Sentimento Econômico (ESI) atingiu 109.6 pontos em abril, maior número desde a crise de 2007. A melhora foi observada na indústria, no setor de serviços, no varejo e na construção. As expectativas para esse último setor são promissoras e devem ser monitorados e percebidas como oportunidades de exportação pela indústria mineira.

Apesar dos bons resultados e da leve pressão inflacionária, o BCE decidiu manter os juros inalterados na reunião realizada em 27/04/2017. Adicionalmente, a autoridade monetária estendeu o programa de compra de ativos - *Quantitative Easing* - até o final de 2017. A instituição visa estabelecer uma base sólida para um crescimento sustentável e limitar choques nos mercados. No entanto, países como a Alemanha, Holanda e Dinamarca pressionam para alteração da política monetária do bloco através do aumento dos juros.

No âmbito político, a eleição do candidato do centro, Emmanuel Macron, nas eleições francesas reforçou as perspectivas de estreitamento das relações entre a França e a Alemanha. Com efeito, o fortalecimento da União Europeia tende a reduzir o poder de barganha do Reino Unido nas negociações do *Brexit*. As preocupações se voltam para o ambiente político na Itália, com eleições presidenciais à frente, marcado pelo elevado endividamento público e por fragilidades no sistema bancário.



CENÁRIO INTERNACIONAL

CHINA

PIB 2015	6,9 %
PIB 2016	6,7 %
PIB 2017(e)	6,5 %



REFORMAS E MEDIDAS DE CONTROLE DO RISCO FINANCEIRO IMPACTAM A DEMANDA POR COMMODITIES

Após o bom resultado da atividade econômica no 1º trimestre do ano, o governo chinês se volta para reformas do sistema financeiro, impactando diretamente a oferta de crédito no país e as expectativas dos mercados. Após o anúncio, no mês passado, de regras para conter riscos sistêmicos do *shadow banking*, indicadores da bolsa chinesa despencaram e as taxas de financiamento público subiram. Tais reações indicam que, no curto prazo, a autoridades oficiais terão dificuldades para a implementar reformas e manter, ao mesmo tempo, um crescimento tão elevado quanto o observado no primeiro trimestre de 2017.

A confiança das empresas também foi impactada. O indicador PMI* manufatureiro desacelerou em abril, atingindo 50.3 pontos, abaixo das expectativas de 51.0 pontos e caindo significativamente em relação ao mês de março (51.2 pontos). O resultado da balança comercial de abril também mostrou incertezas em relação ao cenário interno. A recuperação econômica global permitiu uma alta anualizada de 8,0% das exportações em abril, enquanto as importações cresceram 11,9%, menos que o esperado (18,0%), resultando em um superávit comercial de US\$ 38,0 bilhões, acima do projetado e significativamente superior ao realizado no mês de março (US\$ 23,3 bilhões). A queda da demanda doméstica e da confiança das indústrias, causadas em parte pela política de aperto monetário, tende a impactar a oferta e a cotação das *commodities*, como por exemplo, o minério de ferro. No entanto, é esperado que a China não deixe de administrar o seu nível de crescimento em um ano de renovação da sua liderança política, limitando os possíveis impactos negativos para as exportações brasileiras.

As tensões geopolíticas na Coreia do Norte e as disputas pelo domínio de áreas no mar do sul da China devem ser monitoradas, tendo em vista o alto impacto que conflitos podem causar nos mercados financeiros globais, no contexto de uma recuperação econômica global gradativa mais ainda frágil.



CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

INDÚSTRIA GERAL

MAR-17 / FEV-17*	-1,8%
MAR-17 / MAR-16	1,1%
ACUMULADO NO ANO	0,6%
2016	-6,6%
2017 ^(e)	1,3%
2018 ^(e)	2,5%

PRODUÇÃO INDUSTRIAL . BRASIL

A produção industrial brasileira encerrou o mês de março com forte queda de 1,8%, comparado ao mês imediatamente anterior, na série livre de influências sazonais. Esse foi o pior resultado para o mês desde o início da série histórica, em 2002.

Destaca-se o predomínio de dados negativos, alcançando todas as quatro grandes categorias econômicas e 15 dos 24 ramos pesquisados. As maiores contribuições para o desempenho observado na passagem de fevereiro para março vieram dos setores de veículos automotores, reboques e carrocerias (-7,5%); de coque e biocombustíveis (-3,3%) e da indústria extrativa (-1,1%). Vale destacar o crescimento de 1,3% do setor de alimentos, após recuo de 2,7% em fevereiro.

Frente a março/16, a indústria cresceu 1,1%, abaixo das expectativas do mercado (2,2%). As maiores contribuições foram registradas nos setores de veículos automotores, reboques e carrocerias (10,9%) e na indústria extrativa (7,0%).

Apesar do resultado negativo de março em relação ao mês anterior, a produção encerrou o 1º trimestre/17 com crescimento de 0,6% em relação a igual período de 2016, com perspectivas de recuperação gradual da atividade do setor industrial nos próximos meses, embora em ritmo lento. No acumulado em 12 meses, a produção ainda se encontra no campo negativo, embora registre quedas cada vez menores.

Segundo o Boletim Focus, as expectativas são de crescimento da produção industrial em 1,3% ao final de 2017.

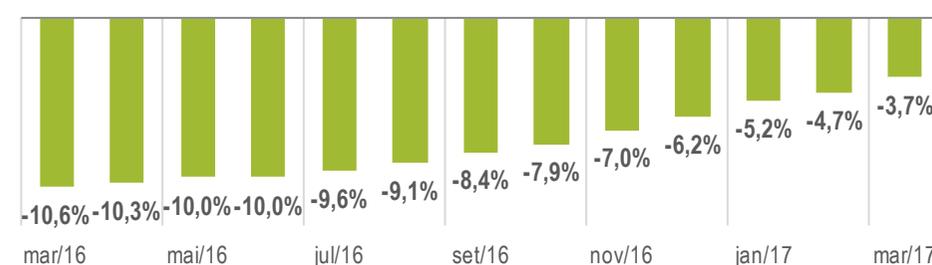
INDÚSTRIA GERAL (Var. % acumulada em 12 meses)



INDÚSTRIA EXTRATIVA (Var. % acumulada em 12 meses)



INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO (Var. % acumulada em 12 meses)





CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

INDÚSTRIA GERAL

MAR-17 / FEV-17*	-2,8%
MAR-17 / MAR-16	2,4%
ACUMULADO NO ANO	3,6%
2016	-6,2%
2017 ^(e)	1,9%

PRODUÇÃO INDUSTRIAL . MINAS GERAIS

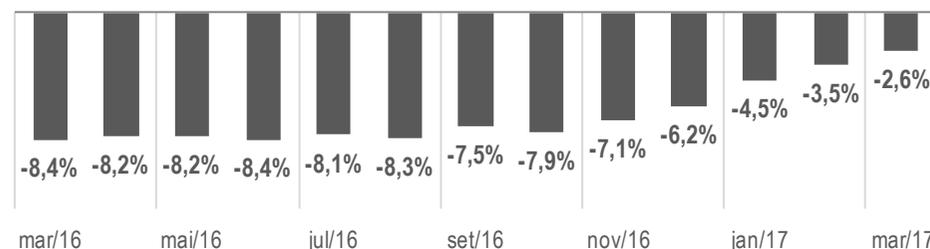
A produção industrial de Minas Gerais recuou 2,8% em março/17 frente ao mês imediatamente anterior, na série livre de influências sazonais. Esse resultado encerra uma sequência de quatro altas consecutivas nessa base de comparação, interrompendo a trajetória crescente iniciada em novembro/16, período em que a produção avançou 11,8%.

Contra março/16, a produção cresceu 2,4%, quarta taxa positiva seguida nesse tipo de confronto. A principal contribuição para o resultado veio da indústria extrativa, que cresceu 14% em março/17, ainda refletindo os níveis elevados dos preços do minério de ferro em relação aos praticados no início de 2016. Destacam-se também os avanços na produção de coque e combustíveis (3,9%) e bebidas (18,8%).

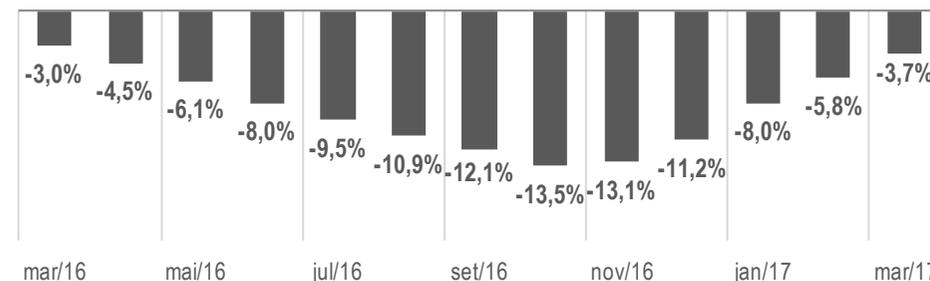
No acumulado do 1º trimestre, a produção da indústria mineira cresceu 3,6% em relação ao primeiro trimestre de 2016. Mais uma vez, a indústria extrativa deu a maior contribuição para o resultado no trimestre, com crescimento de 18,2%. Outro avanço importante foi registrado no setor de máquinas e equipamentos (20,5%), influenciado pela recuperação da fabricação para a extração mineral e para a construção civil.

Embora a produção industrial ainda esteja no campo negativo no acumulado em 12 meses, ela manteve o comportamento dos últimos meses de quedas cada vez menores. A expectativa é que a produção encerre 2017 com crescimento de 1,9%.

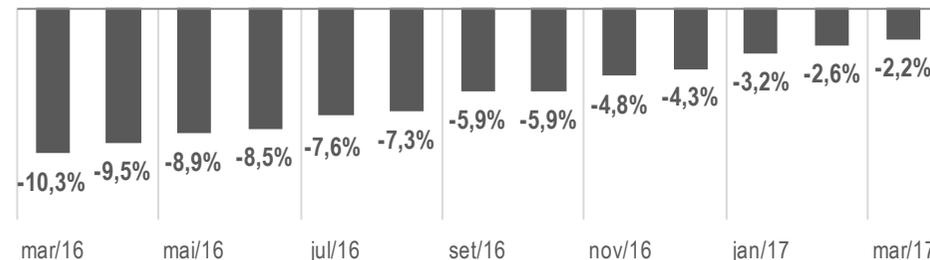
INDÚSTRIA GERAL (Var. % acumulada em 12 meses)



INDÚSTRIA EXTRATIVA (Var. % acumulada em 12 meses)



INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO (Var. % acumulada em 12 meses)

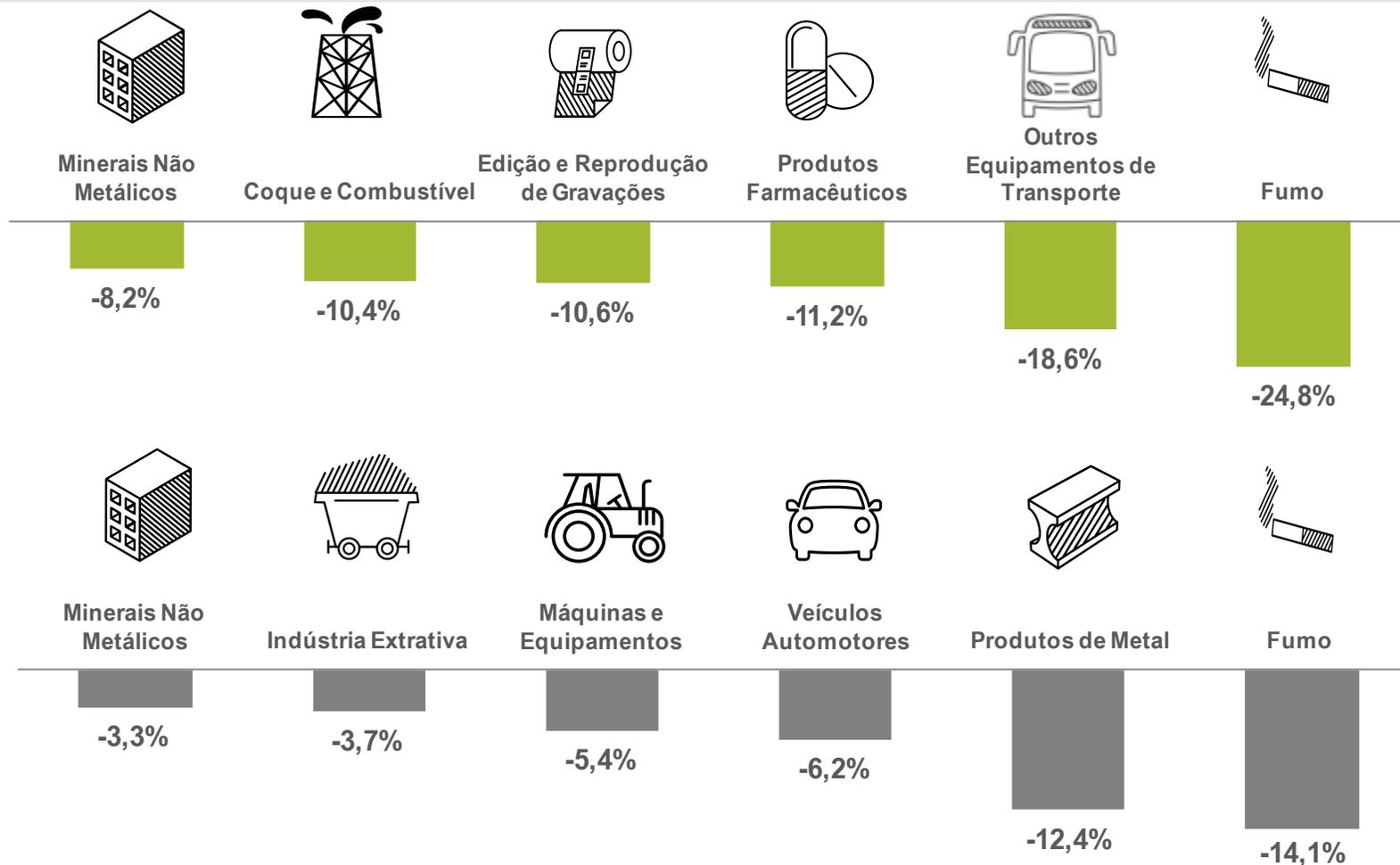




CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

PRODUÇÃO INDUSTRIAL

DESTAQUES SETORIAIS NEGATIVOS
(VAR. % ACUMULADA EM 12 MESES)*

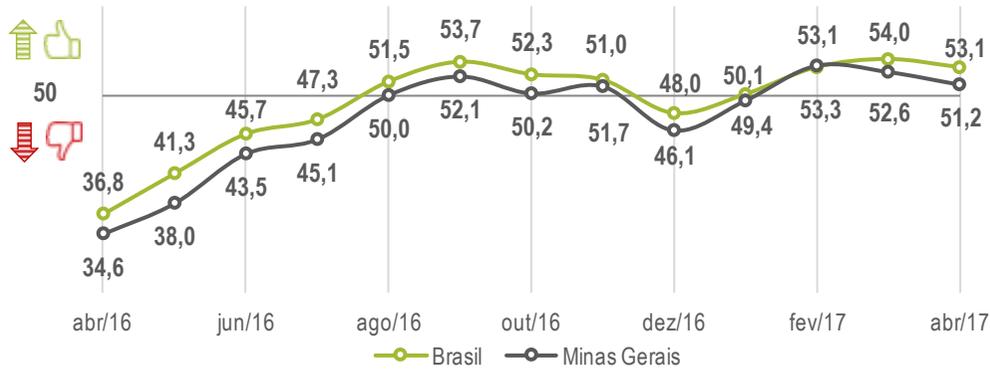




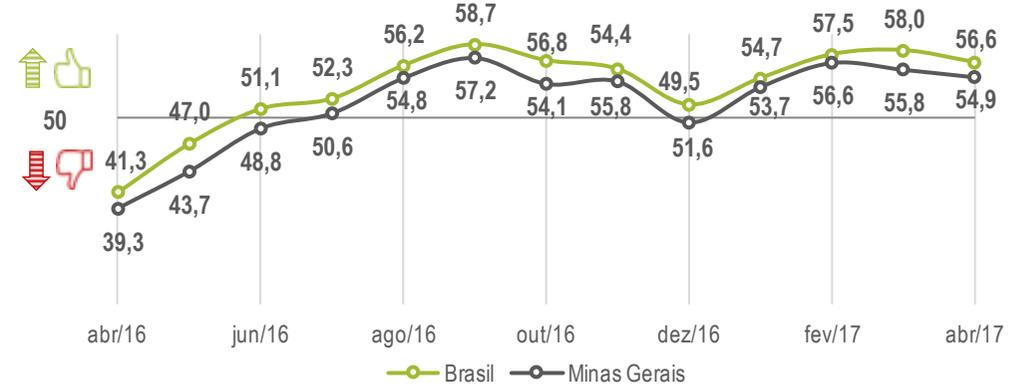
CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

CONFIANÇA E EXPECTATIVAS

ÍNDICE DE CONFIANÇA DO EMPRESÁRIO INDUSTRIAL - ICEI



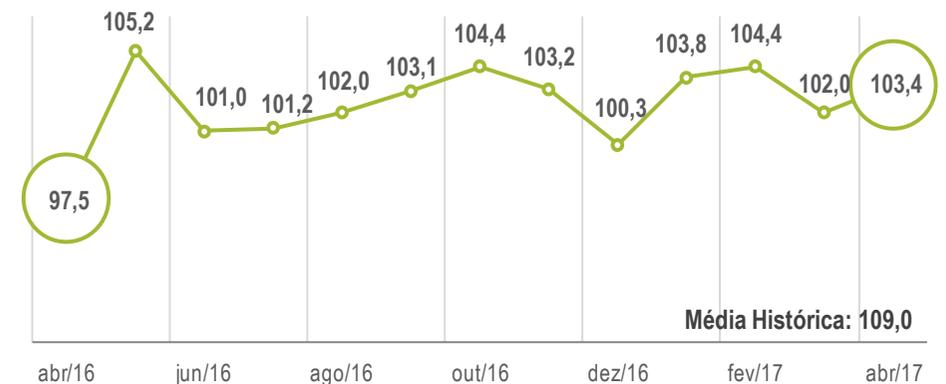
EXPECTATIVAS PARA OS PRÓXIMOS 6 MESES



Minas Gerais		Total		
		abr/16	mar/17	abr/17
ICEI		34,6	52,6	51,2
Sondagem Industrial				
Expectativas	Demanda	44,5	46,6	55,9
	Quantidade Exportada	46,4	50,8	48,8
	Compra de Matérias-Primas	43,1	45,3	52,4
	Emprego	40,5	43,7	48,9
	Intenção de Investimento	42,1	39,0	48,1

Indicadores variam de 0 a 100. Valores acima de 50 indicam otimismo.

Índice Nacional de Expectativa do Consumidor - INEC (Sem Ajuste) - CNI





CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO

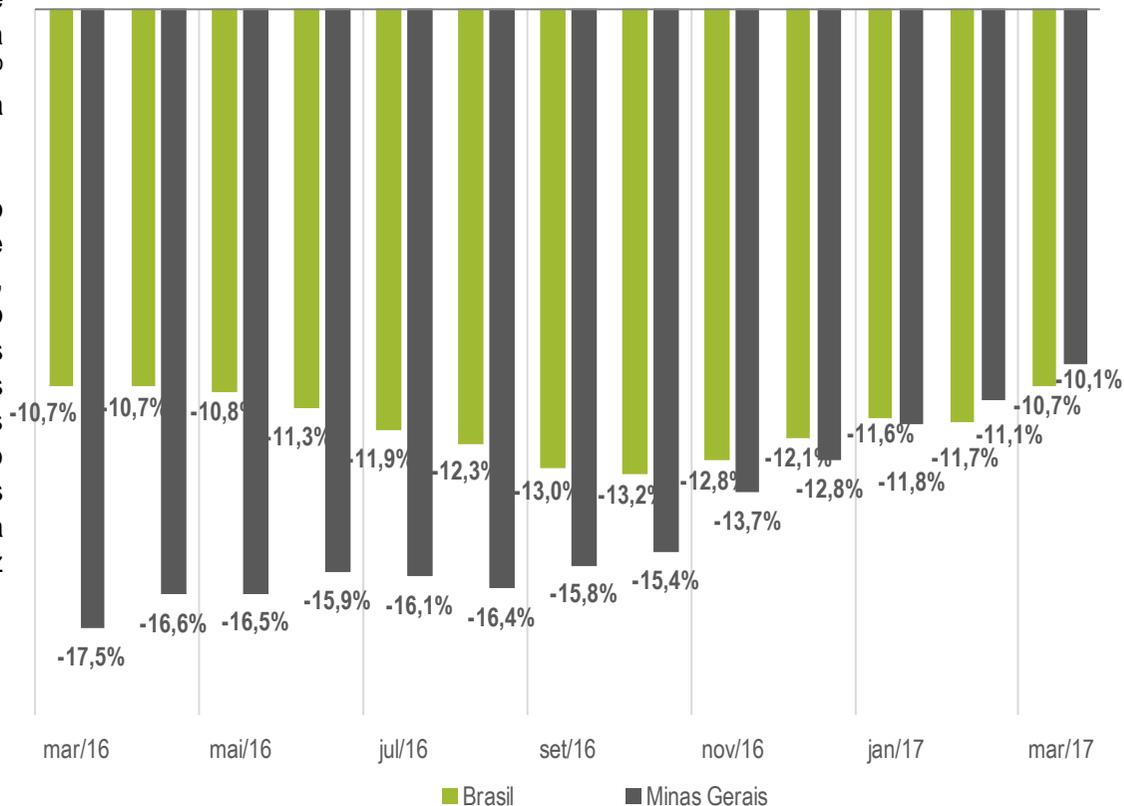
	BRASIL	MINAS GERAIS
MAR-17 / MAR-16	-2,5%	-2,5%
ACUMULADO NO ANO	-6,7%	-4,5%
ACUMULADO 12 MESES	-10,7%	-10,1%

FATURAMENTO REAL

Em março, o faturamento real da indústria de transformação brasileira recuou em todas as bases de comparação. Apesar do decréscimo de 2,5% frente ao mesmo mês do ano passado, essa foi a menor queda desde julho de 2015 na comparação interanual. No acumulado do 1º trimestre, houve retração de 6,7% e, no acumulado em 12 meses, a queda foi de 10,7%.

Em Minas Gerais, o faturamento real da indústria de transformação também caiu na comparação com março de 2016, registrando redução de 2,5%. No acumulado dos três primeiros meses, a contração foi de 4,5% e, na análise dos últimos 12 meses, houve recuo de 10,1%. No primeiro trimestre de 2017, o resultado negativo foi determinado pela redução nas vendas para os mercados interno e externo. Vale destacar veículos automotores, que apresentou o recuo mais expressivo (-35,6%) dos dezesseis setores pesquisados. Mesmo com a suavização da contração do faturamento em alguns setores, os resultados não foram suficientes para reverter as quedas acumuladas em 12 meses. Contudo, a sequência de resultados negativos (desde março/14) tem ocorrido em ritmo cada vez menos intenso.

FATURAMENTO REAL DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO (Var. % acumulada em 12 meses)





CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

VOLUME DE SERVIÇOS

	BRASIL	MINAS GERAIS
MAR-17 / MAR-16	-5,0%	-3,2%
ACUMULADO NO ANO	-4,6%	-2,5%
ACUMULADO 12 MESES	-5,0%	-3,8%

SERVIÇOS

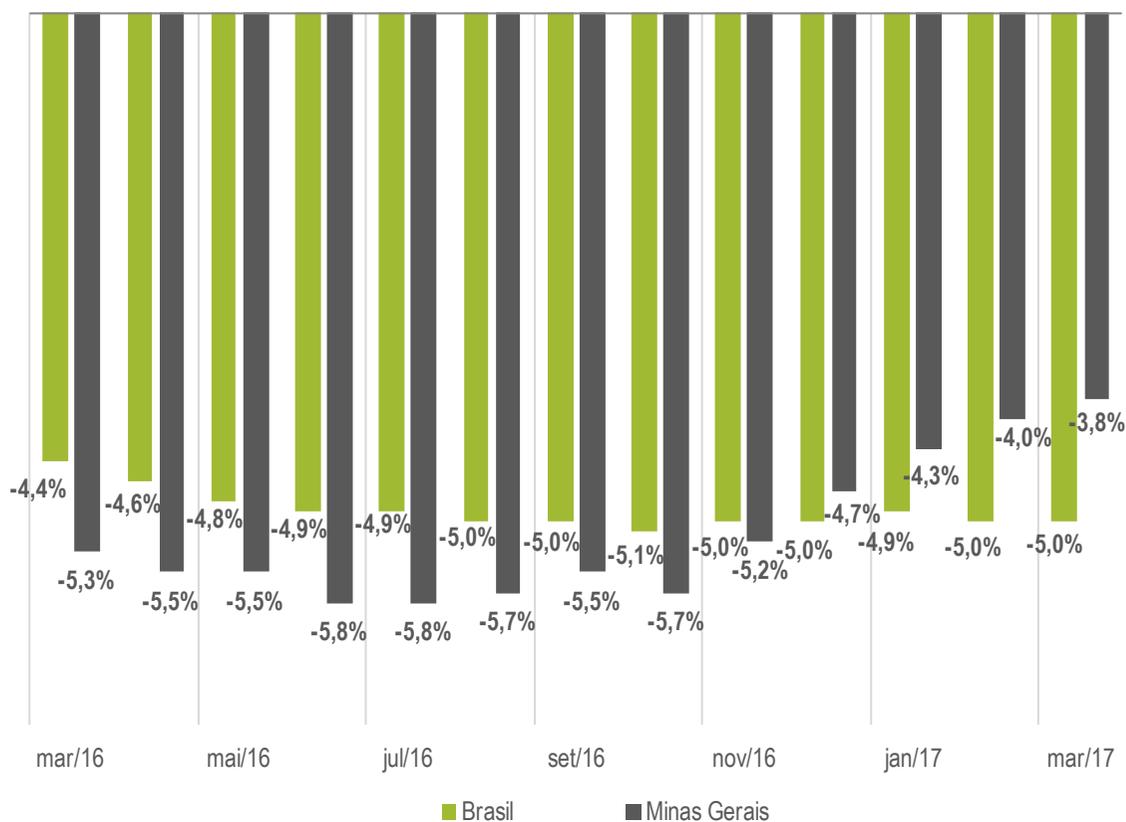
A PMS¹ de março de 2017 apontou queda de 2,3% no volume de serviços frente a fevereiro, na série livre de influências sazonais. Contra março do ano passado, houve queda de 5,0% (sem ajuste sazonal). O IBGE listou as seguintes contribuições na composição deste último dado: serviços profissionais, administrativos e complementares (-2,4 p.p.); outros serviços (-1,1 p.p.); transportes, serviços auxiliares dos transportes e correio (-0,8 p.p.); serviços de informação e comunicação (-0,5 p.p.); e serviços prestados às famílias (-0,2 p.p.).

Em Minas Gerais, o setor de serviços registrou recuo marginal de 2,2% em março, ajustado à sazonalidade. Contra o mesmo mês no ano anterior, o volume de serviços no estado caiu 3,2% (sem ajuste sazonal), com o setor de transportes, serviços auxiliares dos transportes e correio, com baixa de 11,2%, apresentando forte contribuição negativa.

No primeiro trimestre de 2017, o volume de serviços no Brasil teve queda de 4,6% e Minas Gerais recuou 2,5% frente ao primeiro trimestre do ano anterior. A variação acumulada em 12 meses em Minas Gerais apresenta trajetória decrescente, sugerindo aproximação do ponto de recuperação do setor.

O setor de serviços, que representa aproximadamente dois terços do PIB brasileiro, deverá ter sua retomada atrelada à recuperação da renda e do emprego, que tendem a responder mais lentamente aos processos de reversão de ciclos recessivos.

VOLUME DE SERVIÇOS (Var. % acumulada em 12 meses)





CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

VOLUME DE VENDAS NO COMÉRCIO VAREJISTA

MARÇO/17	BRASIL	MINAS GERAIS
TOTAL (MAR-17 / MAR-16)	-4,0%	1,2%
TOTAL AMPLIADO (MAR-17 / MAR-16)	-2,7%	-2,3%
TOTAL (ACUMULADO NO ANO)	-3,0%	1,0%
TOTAL AMPLIADO (ACUMULADO NO ANO)	-2,5%	-2,5%

VENDAS NO VAREJO

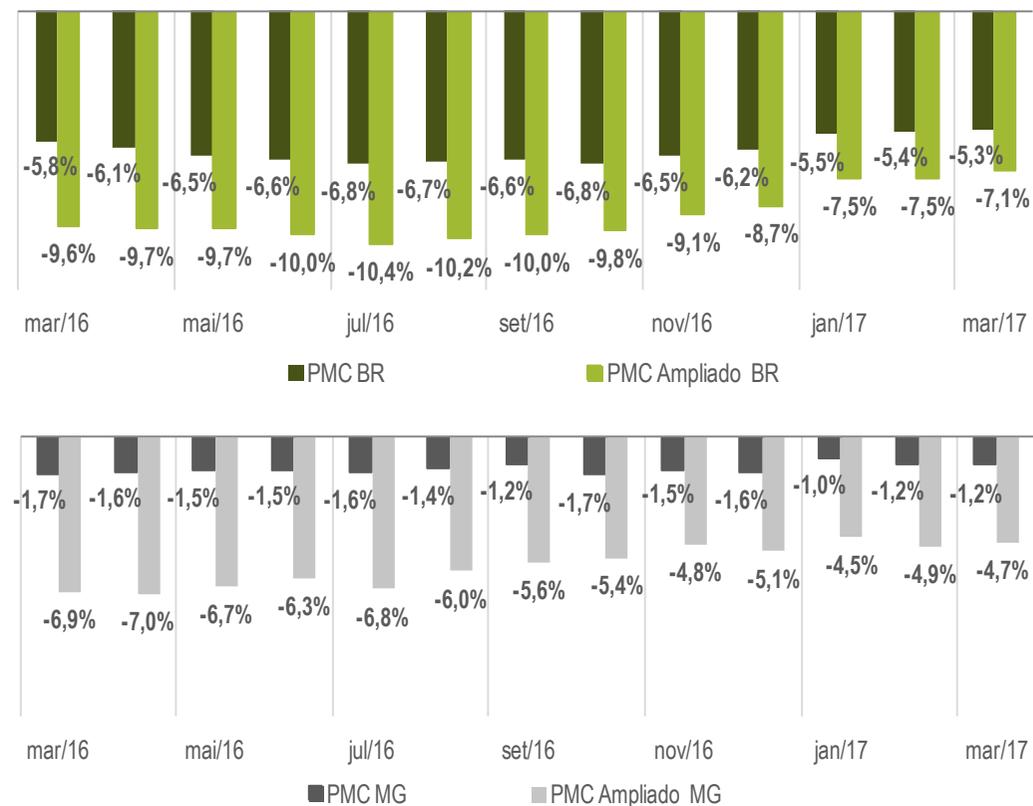
Em março de 2017, a PMC¹ registrou recuo marginal de 1,9% no volume de vendas do varejo restrito² do Brasil, livre de efeitos sazonais, sendo esta a maior queda em março dos últimos 14 anos. A queda de 6,2%, na margem, no setor de hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumos, foi considerada a maior responsável pelo desempenho do mês. O IBGE atribuiu a baixa neste setor ao aumento do desemprego, combinado com a estagnação na massa de rendimento real, entre outros fatores. O volume de vendas no varejo ampliado³ teve variação negativa de 2,0% em março, também ajustado à sazonalidade.

Em Minas Gerais, as vendas no varejo restrito caíram 0,5% em março, na margem, com o ajuste sazonal. Contrapondo o observado a nível nacional, o setor de hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumos registrou alta de 5,3%, sem ajuste sazonal, contra queda de 8,7% no Brasil sem o ajuste. Ainda na comparação entre a performance do setor de Minas Gerais e do Brasil, merecem destaque os setores de tecidos, vestuários e calçados; móveis e eletrodomésticos e livros, jornais, revistas e papelaria com altas de, respectivamente, 45,2%, 21,2% e 18,3% em Minas Gerais e de, respectivamente, 11,7%, 10,5% e 5,7% no Brasil.

No fechamento do primeiro trimestre de 2017, o Brasil apresentou queda de 3,0% nas vendas do varejo restrito e recuo de 2,5% no varejo ampliado contra o mesmo período no ano anterior. Por sua vez, em Minas Gerais registrou alta de 1,0% no varejo restrito e queda de 2,5% no varejo ampliado.

VOLUME DE VENDAS NO COMÉRCIO VAREJISTA

(Var. % acumulada em 12 meses)



Fonte: IBGE. LCA Consultores | ¹PMC – Pesquisa Mensal de Comércio ²As atividades pesquisadas na PMC restrita são: “Combustíveis e lubrificantes”; “Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo”; “Tecidos, vestuário e calçados”; “Móveis e eletrodomésticos”; “Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos e de perfumaria”; “Livros, jornais, revistas e papelaria”; “Equipamento e material para escritório informática e comunicação”; “Outros artigos de uso pessoal e doméstico”. ³PMC Ampliada: inclui à PMC restrita as atividades: “Veículos e motos, partes e peças”; “Material de Construção”.





CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

EMPREGO

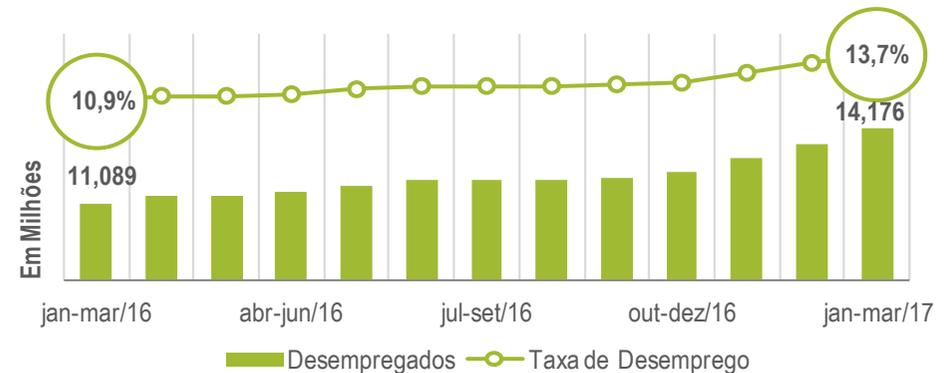
De acordo com a PNAD Contínua¹, a taxa de desocupação alcançou 13,7% da PEA* no trimestre móvel de janeiro à março de 2017, correspondendo a 14,2 milhões de desempregados no Brasil. Isso representa uma alta de 1,7 p.p. com relação ao trimestre anterior (outubro a dezembro de 2016) e elevação de 2,8 p.p. frente ao mesmo trimestre no ano anterior. Em particular, no setor privado houve variação de -3,5% no emprego com carteira assinada e alta de 4,7% no emprego sem carteira, em relação ao mesmo trimestre no ano passado, indicando o aumento da informalidade do mercado de trabalho. Tanto o rendimento médio real quanto a massa real encontram-se estáveis no Brasil, variando 2,3% e 0,7%, respectivamente, frente ao trimestre anterior.

A indústria geral no Brasil apresentou redução de 0,3% na ocupação e alta de 3,4% no rendimento médio real, comparativamente ao trimestre anterior. Na Construção Civil, houve variação de -3,4% na ocupação e de -2,8% no rendimento médio real.

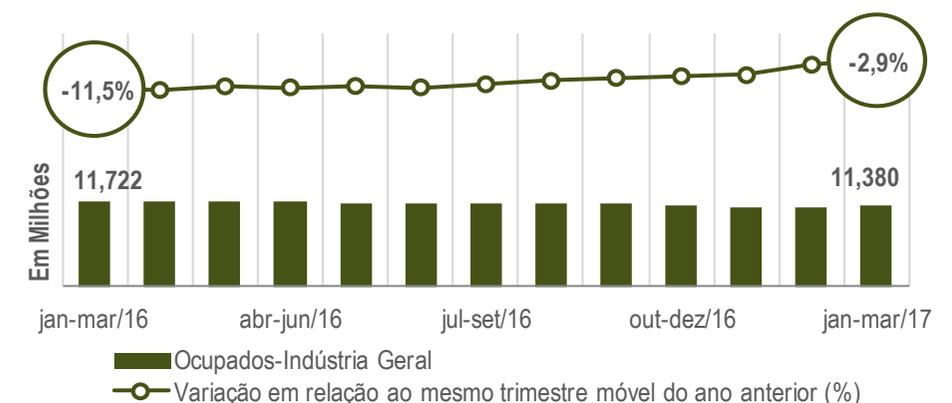
O saldo do CAGED² registrou fechamento de 63.624 postos de trabalho no Brasil em março, acumulando um fechamento líquido de 64.378 no primeiro trimestre do ano. Por outro lado, em Minas Gerais o saldo de março apontou fechamento líquido de 6 postos, acumulando uma abertura líquida de 9.969 postos no primeiro trimestre de 2017. O principal descolamento no saldo de emprego entre Minas Gerais e o Brasil é observado na indústria (principalmente na indústria extrativa e na construção civil), com abertura líquida de 10.386 postos no estado contra o fechamento líquido -1.512 no país, no acumulado de janeiro a março de 2017.

Após três altas consecutivas, o IAEmp³ se manteve estável em abril, alcançando 100,5 pontos. Por outro lado, o ICD⁴ registrou forte queda, recuando para 97,4 pontos. A recuperação do mercado de trabalho é esperada apenas para o segundo semestre de 2017.

DESEMPREGO TOTAL – BRASIL¹



OCUPAÇÃO NA INDÚSTRIA GERAL – BRASIL¹



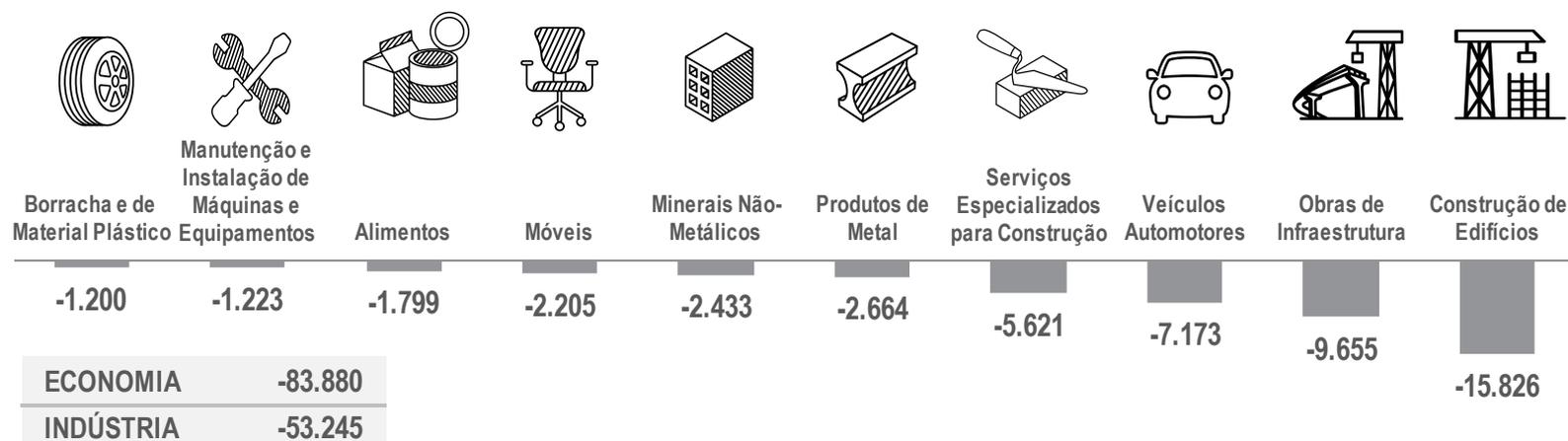
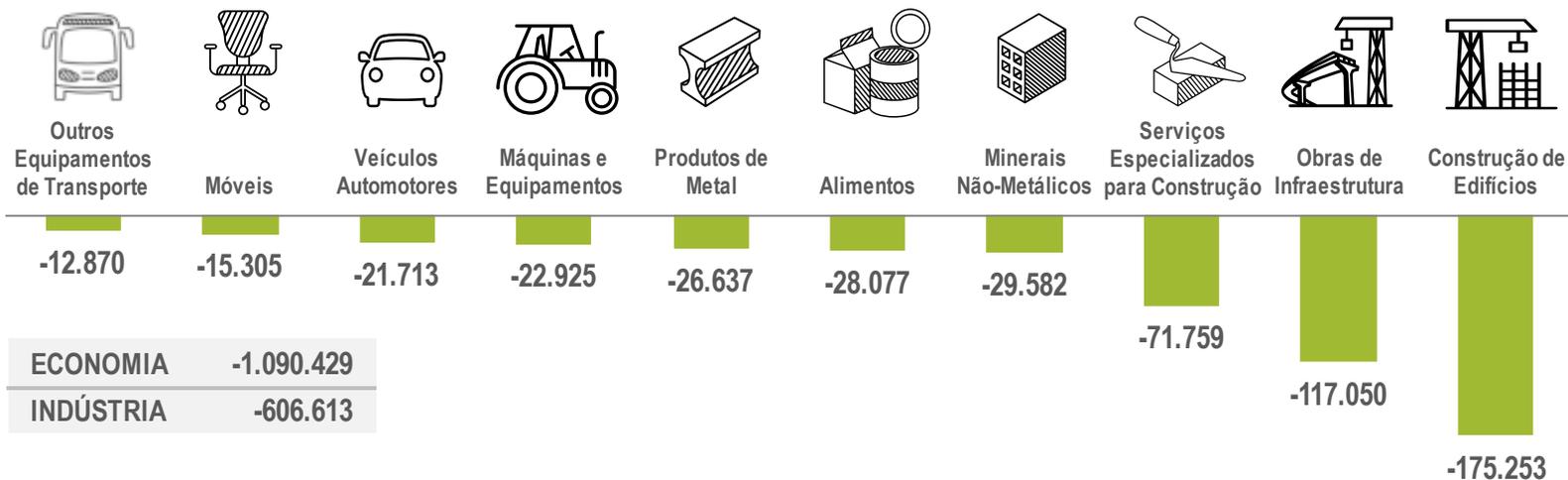
Fonte: IBGE, MTPS, FGV. | ¹ PNADC – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Estimativas de trimestres móveis). ² Caged – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados do Ministério do Trabalho. ³ IAEmp - Indicador Antecedente de Emprego. ⁴ ICD - Índice Coincidente de Desemprego. *PEA – População Economicamente Ativa.



CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

SALDO DE EMPREGO

DESTAQUES SETORIAIS NEGATIVOS
(SALDO ACUMULADO EM 12 MESES)*



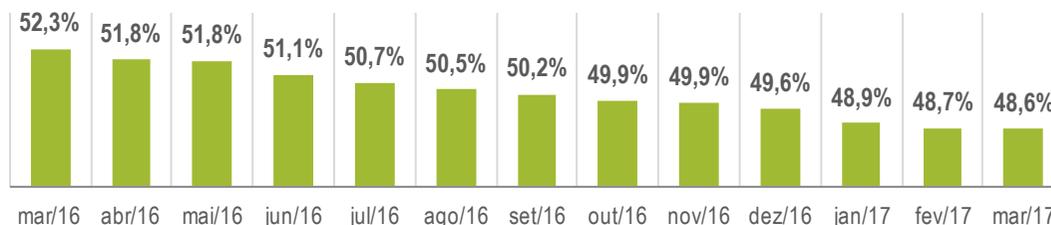


CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

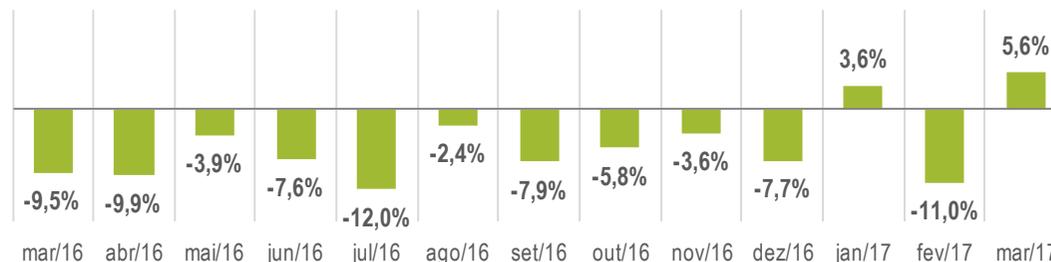
CRÉDITO E CONCESSÕES . BRASIL

A relação crédito como proporção do PIB recuou 0,1 ponto percentual (p.p.), em março, para 48,6%, mantendo a tendência contracionista registrada desde janeiro/16. Na comparação com o mesmo mês do ano passado, a queda foi de 3,7 p.p.. Em ambas as bases de comparação, a variação negativa vem sendo atenuada nos últimos meses, o que sugere que a contração do mercado de crédito possa estar aproximando-se do fim. Outro fator positivo no mês de março foi o avanço nas novas concessões com recursos livres, que subiram 5,6% em relação ao mesmo mês de 2016. Na direção oposta, no entanto, as concessões com recursos direcionados caíram 14,3% na mesma base de comparação. Em particular, os novos financiamentos concedidos pelo BNDES recuaram 18,2% para pessoa jurídica (PJ). No primeiro trimestre do ano, a variação foi ainda pior: queda de 24,4%. Apesar disso, na análise do desempenho do crédito direcionado entre janeiro e março, destaca-se o avanço de 32% dos financiamentos de máquinas e equipamentos dentro da linha de crédito Finame, o salto de 345% nos desembolsos para capital de giro em relação ao mesmo período do ano anterior, bem como o aumento da participação das micro, pequenas e médias empresas no desembolso do banco (41%, contra 39% nos primeiros três meses de 2016). Para o BNDES, os desempenhos registrados nos primeiros meses de 2017 refletem a reduzida demanda de crédito, característica de períodos recessivos, nos quais empresas empreendem estratégias de redução do endividamento. A expectativa é de gradual recuperação do crédito direcionado ao longo dos próximos trimestres.

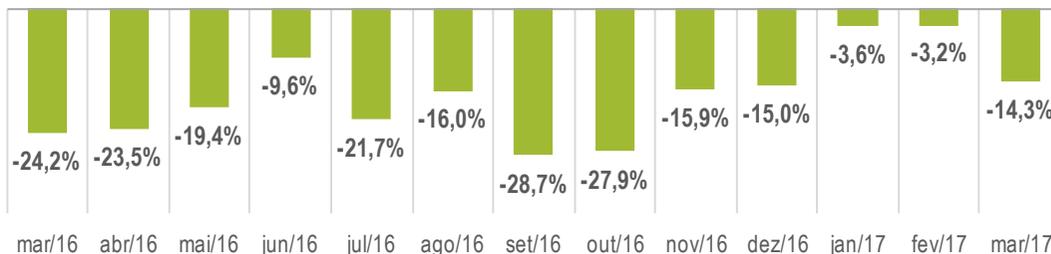
CRÉDITO (% do PIB)



CONCESSÕES - RECURSOS LIVRES (T/T-12)



CONCESSÕES - RECURSOS DIRECIONADOS (T/T-12)





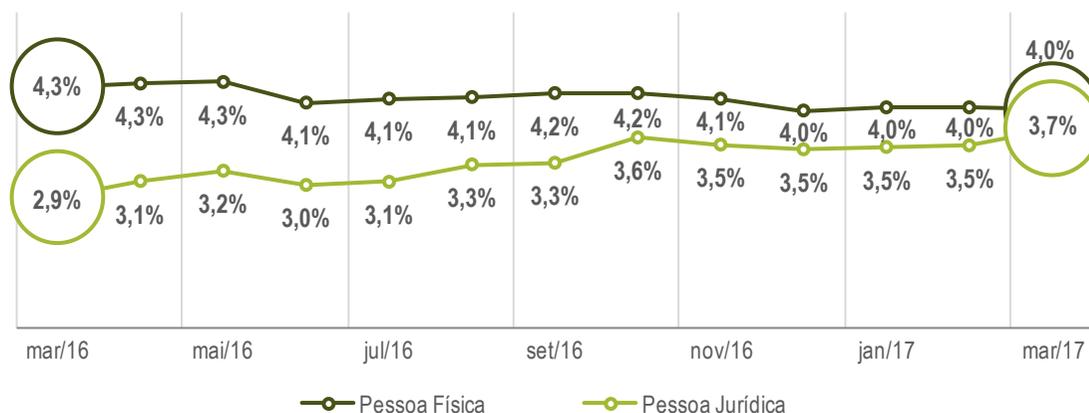
CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

INADIMPLÊNCIA E SPREAD. BRASIL

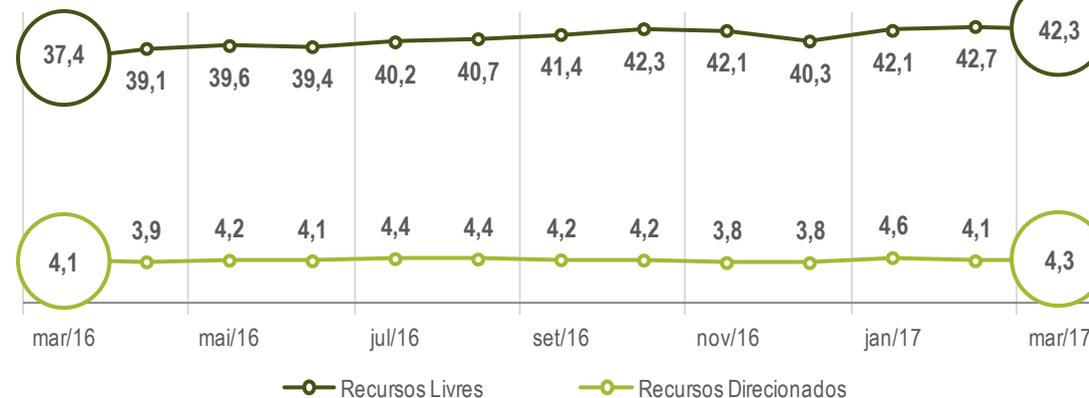
A taxa média de juros das operações de crédito do sistema financeiro, consideradas as contratações com recursos livres e direcionados, recuou 0,1 ponto percentual (p.p.), em março, para 32,2% a.a., fruto da elevação de 0,6 p.p. na taxa do crédito direcionado (para 10,5% a.a.), compensado por queda de 0,9 p.p. no juro das operações com recursos livres (para 52,5%) ao ano.

O *spread* bancário médio manteve-se praticamente inalterado, com avanço de 0,1 p.p. no mês, em função da alta de 0,2 p.p. nas modalidades de crédito direcionado e recuo de 0,1% no *spread* com recursos livres. Em 12 meses, o avanço no *spread* médio foi de 2,2 p.p.. A lentidão na resposta dos *spreads* bancários à queda na taxa Selic evidencia a cautela das instituições financeiras nos últimos meses. Esse comportamento está relacionado à inadimplência, estável nos últimos meses graças a estratégias de repactuação de crédito, o que, por outro lado, desacelera a redução do endividamento de famílias e empresas. Em relação a março de 2016, a inadimplência média subiu 0,3 p.p., com avanço de 0,6 p.p. nos atrasos superiores a 90 dias de financiamentos para empresas, em parte compensados pela redução de 0,3 p.p. nos atrasos de operações com PF.

TAXA DE INADIMPLÊNCIA (%)



SPREAD BANCÁRIO (pontos percentuais)





CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

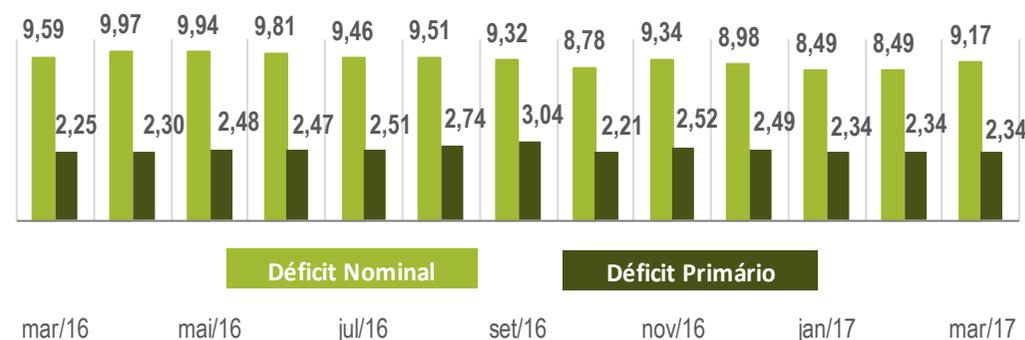
FINANÇAS PÚBLICAS . BRASIL

O setor público consolidado registrou déficit nominal de R\$54,3 bilhões em março, levando o resultado negativo acumulado em 2017 para R\$108,3 bilhões. O pagamento de juros foi de R\$43,3 bilhões (R\$30,8 bilhões em fevereiro) e o déficit primário, de R\$11,0 bilhões. Os últimos números garantiram a estabilidade da razão entre o déficit primário e o PIB em 2,34%. Por outro lado, o resultado nominal avançou para 9,17% do PIB, um aumento de 0,68 p.p. do PIB em relação ao registrado no mês anterior.

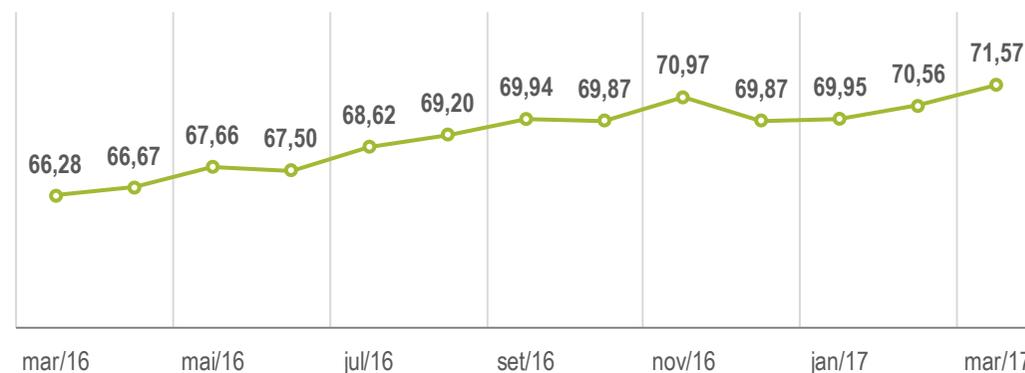
Com a deterioração no resultado nominal, a dívida bruta do governo geral (DBGG), que inclui o governo federal, o INSS, governos estaduais e governos municipais, subiu 1,01 p.p., para 71,57% do PIB, em março. Por sua vez, a dívida líquida do setor público (DLSP), que considera os ativos financeiros, subiu apenas 0,4 p.p. no mês, para 47,8% do PIB, impulsionada pelo resultado primário negativo, pelos juros apropriados no período e pela variação cambial registrada no ano.

A pesquisa Focus do Bacen aponta estimativa de avanço da DLSP para 51,5% do PIB ao longo de 2017 e para 55,0% do PIB em 2018, mesmas estimativas reportadas no mês anterior. Para a dívida bruta, a pesquisa Prisma Fiscal, do Ministério da Fazenda, indica estimativas de crescimento de 75,6% do PIB, em 2017, e de 78,5% no ano seguinte. Esse valores recuaram 0,2 p.p. do PIB em relação às estimativas medianas do relatório anterior.

NECESSIDADES DE FINANCIAMENTO DO SETOR PÚBLICO (%PIB)

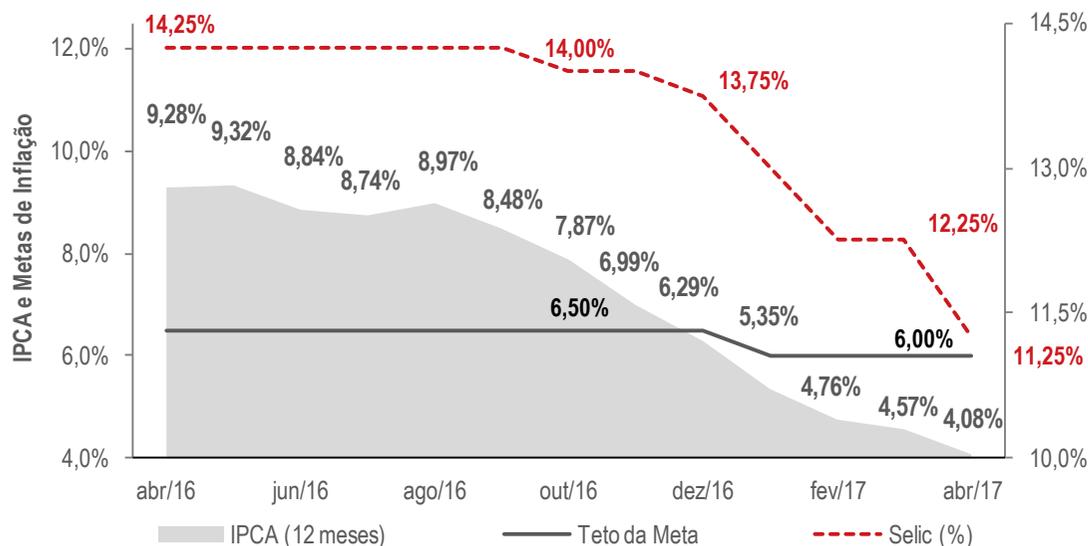


DÍVIDA BRUTA DO GOVERNO GERAL (%PIB)





CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS



Destques IPCA (12 meses)

GRUPOS DO IPCA (% 12 meses)	MAR/17	ABR/17
Saúde e Cuidados Pessoais	10,34%	8,91%
Educação	8,30%	8,12%
Despesas Pessoais	6,65%	6,50%
Habitação	4,47%	3,72%
Alimentação e Bebidas	4,04%	3,51%
Vestuário	2,20%	2,29%
Comunicação	2,74%	1,81%
Transporte	1,77%	1,68%
Artigos de Residência	1,00%	0,45%

INFLAÇÃO E JUROS . BRASIL

A inflação medida pelo IPCA foi de 0,14% no mês de abril, recuando novamente em relação ao mês anterior (0,25% em março). O resultado ficou bem inferior ao registrado em abril/16 (0,61%), levando a variação acumulada em 12 meses para 4,08%, abaixo do centro do intervalo do sistema de metas para inflação. A queda nos preços de energia elétrica (-6,39%) foi fundamental para a desaceleração inflacionária em abril. Por outro lado, os preços de alimentos contribuíram positivamente para a inflação no mês, ao contrário do ocorrido no passado recente. As projeções para maio apontam para recuo adicional do IPCA (provavelmente abaixo dos 4,0% em 12 meses). A pesquisa Focus* indica variação esperada de 4,01% para o IPCA em 2017. Essa projeção vem em queda há mais de dois meses.

Conforme mencionamos em relatórios anteriores, a dinâmica declinante da

inflação do IPCA e a ancoragem de expectativas para os próximos anos têm sido fundamentais para determinar as decisões recentes de intensificação do ritmo do processo de redução da taxa Selic. Na reunião de abril, o COPOM reduziu a taxa básica de juro em 1,00 p.p., para 11,25% a.a.. Nas últimas semanas, em função de resultados de atividade abaixo do esperado, cresceu a probabilidade de corte de 1,25 p.p. na reunião do COPOM de maio. De acordo com o relatório Focus*, o mercado estima a taxa Selic a 8,50% ao final de 2017 e de 2018 desde o mês passado. Essa estimativa é consistente com o encerramento do ciclo de afrouxamento monetário na segunda metade de 2017. Vale lembrar que o ciclo de redução da Selic, tal como vem sendo sinalizado pelo Bacen, é compatível com nossa visão de lenta e gradual recuperação do consumo e do investimento ao longo dos próximos meses. Estimamos expansão do PIB brasileiro de 0,41% em 2017 e de 2,50% no ano seguinte. Também projetamos avanço de 0,7% no PIB de Minas Gerais em 2017.



CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

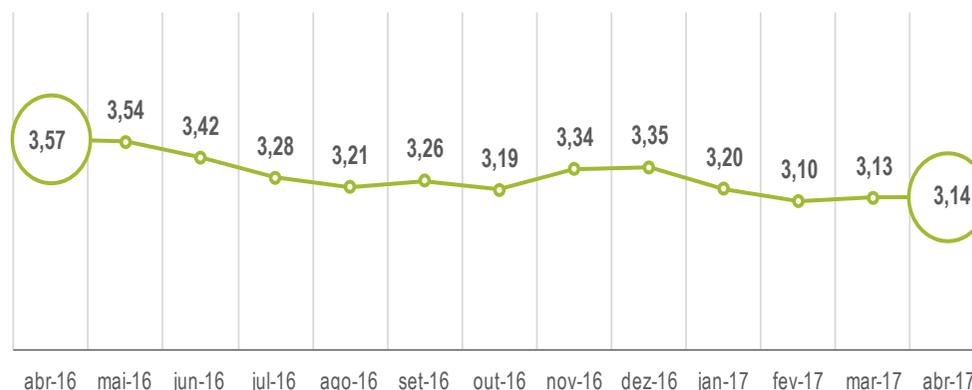
CÂMBIO . BRASIL

A média mensal da cotação do dólar americano vem apresentando estabilidade nos últimos meses. Em abril, o preço médio foi de 3,14 R\$/US\$ (3,13 R\$/US\$ em março), mesmo com o fluxo cambial positivo de US\$ 9,1 bilhões no mês (US\$ 2,9 bilhões em março).

De acordo com o relatório Focus, o mercado espera leve desvalorização do câmbio para 3,23 R\$/US\$ ao final de 2017, seguida de desvalorização adicional para 3,40 R\$/US\$ no ano seguinte. Dessa forma, as taxas médias anuais seriam de 3,18 R\$/US\$, em 2017, e de 3,34 R\$/US\$ no ano seguinte.

A relativa estabilidade cambial refletida nas cotações estimadas pelo mercado reflete o equilíbrio entre os diversos riscos (positivos e negativos) referentes à evolução da economia brasileira nos próximos anos. Se, por um lado, a inflação doméstica e o encaminhamento de reformas legislativas estruturais têm evoluído melhor do que o esperado no ano anterior, ainda há muitas incertezas quanto ao ambiente político e à retomada da atividade econômica no Brasil. No *front* externo, enquanto a eleição de Emmanuel Macron para presidente francês elimina a perspectiva de uma maior retração imediata no processo de globalização, ainda há bastantes dúvidas quanto aos impactos político-econômicos da agenda do presidente Donald Trump. Na América do Sul, ao mesmo tempo que a Argentina retoma o papel de importante comprador externo de manufaturados brasileiros, outro cliente relevante, a Venezuela, embarca em um processo de franca confrontação civil interna.

TAXA MÉDIA MENSAL DE CÂMBIO (R\$/US\$)



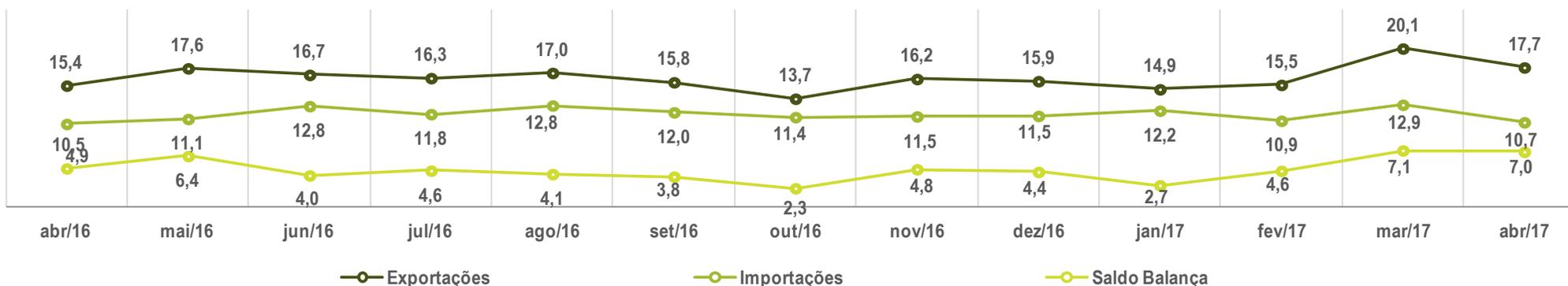


CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

BALANÇA COMERCIAL – US\$ BILHÕES

BRASIL	EXPORTAÇÃO	IMPORTAÇÃO	SALDO
ABR-17	17,7	10,7	7,0
ABR-16	15,4	10,5	4,9
ACUMULADO 2017*	68,1	46,8	21,4
ACUMULADO 2016*	24,6	20,6	4,0

BALANÇA COMERCIAL BRASILEIRA (US\$ bilhões)



SETOR EXTERNO - BALANÇA COMERCIAL . BRASIL

Em abril/17, a balança comercial brasileira registrou superávit de US\$ 7,0 bilhões, um crescimento de 42,9% em relação a abril/16. O resultado foi o melhor já registrado desde a criação da série histórica em 1989.

Tal fato é explicado pelo avanço do valor das exportações em dólar (US\$ 17,7 bilhões) em um contexto de elevação das cotações de *commodities* (principalmente minério de ferro e petróleo). Esse aumento foi 22,1% maior em relação ao mês de abril/16, enquanto as importações (US\$ 10,7 bilhões) registraram alta de 6,8% nos volumes e de apenas 2,6% nos preços.

Tendo em vista a tendência de queda dos preços das *commodities* desde o mês de fevereiro de 2017, a manutenção desse nível de exportações dependerá da evolução da demanda.

Além do aumento das exportações de bens básicos em 29,2% em relação ao mês de abril/16, observa-se um aumento das vendas de produtos semimanufaturados e manufaturados de 27,5% e 25,7% respectivamente no período.

As importações subiram 13,3% em valores em relação a abril/16, em razão da alta de 28,5% nos gastos com combustíveis e lubrificantes de 28,5%. Importações de bens intermediários e bens de consumos aumentaram 16,5% e 6,3% respectivamente enquanto as importações de bens de capital retraíram 5,9% no período.



CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

EXPORTAÇÕES (US\$ bilhões)

MINAS GERAIS	BÁSICOS	SEMIMANUFATURADOS	MANUFATURADOS	TOTAL
Abr-17 (US\$ bi)	1,2	0,4	0,3	1,9
Abr-17/Abr-16	20,0%	11,1%	-8,9%	12,3%
Acumulado 2017 (US\$ bi)	5,4	1,7	1,5	8,6
Acum. 2017/Acum. 2016	64,7%	13,0%	8,7%	39,6%

SETOR EXTERNO - EXPORTAÇÕES MINAS GERAIS

As exportações mineiras totalizaram US\$ 1,9 bilhões em abril/17, avançando 12,3% em relação a abril/16. Nos primeiros 4 meses do ano, somaram US\$ 8,6 bilhões, resultado 39,6% superior ao registrado em igual período de 2016.

A principal razão para o crescimento das exportações em relação ao mês de abril/16 foi a alta dos preços da tonelada do minério de ferro, que mais que dobrou no período. Em volume exportado, o aumento foi de 11,0%. A indústria mineira, no entanto, deve ficar atenta às expectativas de queda do preço do minério, que pode atingir níveis perto dos US\$ 50,00 por tonelada no fim de 2017, tendo em vista a tendência de contração da

demanda chinesa, combinada com um elevado nível de oferta mundial da *commodity*.

Como observado no mês passado, a Operação Carne Fraca não teve impacto duradouro nas exportações brasileiras, diminuindo o volume exportado no bimestre em 11,0%, variação mais significativa nos países onde ocorreram bloqueios temporários. No entanto, essas perdas em volume foram mais que compensadas por uma alta dos preços de carne em mercados importantes como a China, a Rússia e países do Oriente Médio.

No grupo de semimanufaturados, as exportações cresceram 11,1% em abril, na comparação interanual. No grupo de manufaturados, aumentaram 18,3% no mês, comparado a igual período de 2016.



CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

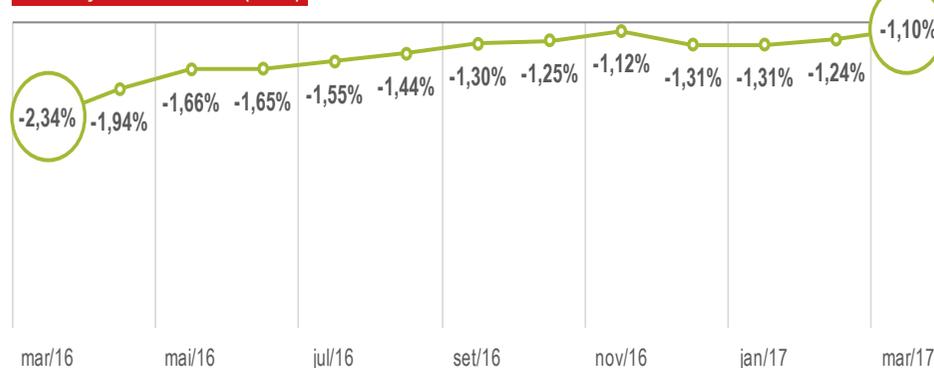
TRANSAÇÕES CORRENTES E INVESTIMENTO DIRETO. BRASIL

O saldo de transações correntes registrou superávit de US\$1,4 bilhão em março/17, o melhor resultado para o mês desde 2005. Dessa forma, o resultado acumulado em doze meses recuou para um déficit de US\$ 20,6 bilhões, o equivalente a 1,1% do PIB. Em março/16, o déficit acumulado em 12 meses equivalia a 2,34% do PIB.

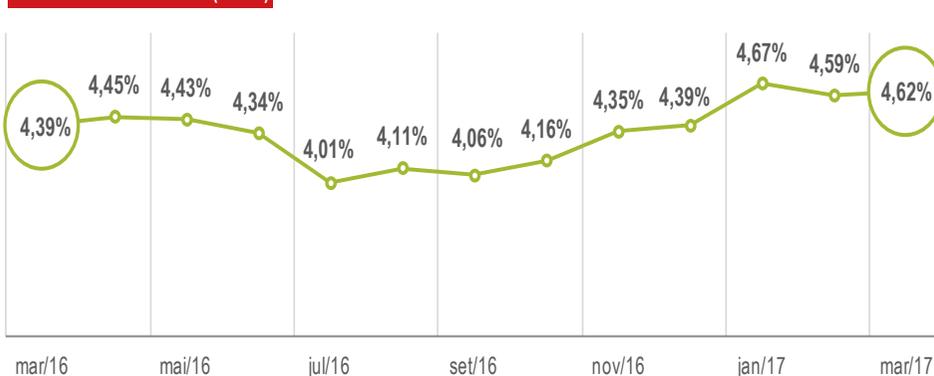
A conta comercial foi a principal responsável pelo resultado positivo do saldo de transações correntes no mês. A conta de serviços, por outro lado, registrou saída líquida de US\$2,5 bilhões, que se somou ao saldo negativo de US\$3,2 bilhões da conta de renda primária.

Na conta financeira, os ingressos líquidos de investimentos diretos no país (IDP) atingiram US\$7,1 bilhões, sendo US\$2,9 bilhões referentes a empréstimos intercompanhia. Em 12 meses, o saldo do IDP líquido chegou a US\$85,9 bilhões (4,62% do PIB), mantendo em patamar negativo a necessidade de financiamento externo (NFE), definida como a diferença entre o IDP e o déficit em transações correntes (-3,52% do PIB nos 12 meses encerrados em março/17). O IDP tem superado o déficit em transações correntes desde novembro de 2015.

TRANSAÇÕES CORRENTES (% PIB)



INVESTIMENTO DIRETO (% PIB)





CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

PROJEÇÕES

BRASIL	2017	2018
PIB (%)	0,50	2,50
Produção Industrial (%)	1,25	2,50
Comércio varejista - volume (%)*	0,08	3,50
Comércio varejista - faturamento (%)*	1,15	6,94
Massa real de rendimentos total (%)*	1,73	2,02
IPCA (%)	3,93	4,36
IGP-M (%)	2,20	4,50
Taxa de câmbio - fim de período (R\$/US\$)	3,25	3,36
Taxa de câmbio - média do período (R\$/US\$)	3,18	3,33
Meta Taxa Selic - fim de período (%a.a.)	8,50	8,50
Meta Taxa Selic - média do período (%a.a.)	10,22	8,50
Dívida Líquida do Setor Público (% do PIB)	51,50	55,00
Conta Corrente (US\$ bilhões)	-24,66	-37,00
Balança Comercial (US\$ bilhões)	55,15	42,99
Investimento Direto no País (US\$ bilhões)	78,50	75,00

MINAS GERAIS	2017
PIB (%)	0,76
Produção Industrial (%)	1,90
Comércio restrito (%)	1,58
Massa Salarial Real - RMBH (%)	0,38
Faturamento (%)	0,96





CENÁRIO SETORIAL AUTOMOTIVO

PRODUÇÃO FÍSICA MAR/17 ¹	BRASIL	10,9%	
	MINAS GERAIS	-12,5%	
FATURAMENTO MAR/17 ¹	BRASIL	-10,7%	
	MINAS GERAIS	-13,3%	
EXPORTAÇÕES ABRIL/17 ¹		QUANTIDADE	VALOR (US\$)
	BRASIL	12,1%	43,6%
	MINAS GERAIS	22,4%	-6,2%

DESTAQUES

Em março, a produção de veículos caiu em Minas Gerais frente ao mesmo mês do ano anterior. A produção nacional registrou o quinto mês consecutivo de resultados positivos para o setor, na mesma base de comparação.

As vendas internas foram 5,5% superiores às registradas em março de 2016, totalizando 189,1 mil unidades. Os sinais tímidos de recuperação da economia ainda representam um impasse à retomada do setor em termos de demanda interna, tendo em vista o ainda elevado nível de desemprego. Todavia, a ANFAVEA (Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores) aponta que as reformas da previdência e trabalhista serão importantes para os fabricantes do setor, trazendo de volta confiança, segurança jurídica e, conseqüentemente, os investimentos.

Em março de 2017, houve a criação de 261 postos de trabalho no setor no Brasil. Já em Minas Gerais, o saldo foi negativo (-68 postos).



PROJEÇÕES*

A fraqueza das vendas internas, a alta ociosidade da indústria nacional e os estoques elevados direcionam o setor para o mercado externo, sobretudo para a América Latina, colaborando com a projeção de crescimento de 2,6% nas exportações em 2017.

Apesar dos acordos comerciais firmados, sobretudo com países latino-americanos, ainda há entraves para a ampliação dos mercados internacionais, tendo em vista que a maioria dos tratados possuem cotas de exportação. Adicionalmente, a dificuldade de conquista dos mercados norte-americano e europeu - que exigem um padrão de excelência superior ao oferecido pelo Brasil - também limitam o crescimento das exportações.

Em linha com essa tendência, a reformulação do programa Inovar-Auto (rebatizado de Rota 2030) propõe uma nova política de estímulos para o setor, direcionando os incentivos para o cumprimento de metas em eficiência energética, pesquisa e desenvolvimento e segurança do veículo. Os fabricantes de autopeças serão beneficiados através do plano de qualificação “Indústria Competitiva”, que propõe aproximá-los das montadoras através da atração de novos fornecedores, da identificação de problemas na cadeia de fornecedores já existente e da busca por novas opções tecnológicas.



CENÁRIO SETORIAL

MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS*

	BRASIL	MINAS GERAIS
PRODUÇÃO FÍSICA MAR/17 ¹	0,0%	1,9%
FATURAMENTO MAR/17 ¹	1,8%	-23,5%
EXPORTAÇÕES ABR/17 ¹	-0,1%	1,3%

DESTAQUES

A produção de máquinas e equipamentos no Brasil continua a mostrar resultados de recuperação. Em março de 2017, manteve-se estável em relação ao mesmo mês do ano anterior, acumulando crescimento de 2,0% no primeiro trimestre de 2017, desempenho melhor que a média da indústria de transformação (-0,5%). Nos últimos 12 meses, o setor continua mostrando resultados negativos (-5,1%). O segmento de máquinas e equipamentos para o setor agrícola vem sendo o grande destaque, crescendo 38,2% no primeiro trimestre do ano, dado o alto desempenho do agronegócio.

Em Minas Gerais, a atividade cresceu 1,9% em março de 2017 frente ao mesmo mês de 2016. No primeiro trimestre do ano, a produção mineira registrou alta de 20,5%, dado o crescimento na produção de escavadeiras, equipamentos de terraplanagem, carregadoras-transportadoras e peças para tratores agrícolas. Porém, assim como no Brasil, o resultado do acumulado de 12 meses continua negativo (-5,4%).

O faturamento do setor no país cresceu 1,8% em março de 2017 na comparação com março de 2016, acumulando alta de 1,6% no primeiro trimestre de 2017. Entretanto, permanece em queda no acumulado dos últimos 12 meses (-5,8%). Em Minas Gerais, o indicador se manteve negativo. Os resultados de março de 2017 mostraram retração de 23,5% na comparação interanual. No acumulado do ano até março de 2017, houve queda de 25,0% comparativamente ao mesmo período do ano anterior.

No Brasil, as exportações de máquinas e equipamentos registraram relativa estabilidade (-0,1%) em abril de 2017 frente a abril de 2016. Em Minas Gerais, cresceram 1,3% na mesma base de comparação. Nos três primeiros meses do ano, o valor das exportações brasileiras do setor chegaram a US\$ 2,7 bilhões, valor 3,4% superior ao primeiro trimestre de 2016. No estado, as vendas externas no primeiro trimestre do ano totalizaram US\$ 79,1 milhões, com alta de 24,8% em relação ao mesmo trimestre de 2016.



A queda na taxa de juros e na inflação, bem como o reestabelecimento gradual da confiança dos agentes trazem expectativas de melhora dos investimentos e da demanda doméstica, favorecendo a retomada da produção e do consumo aparente de bens de capital em 2017 e 2018. Entretanto, a expectativa é de que os níveis de crescimento pré-crise (2010-2013) não voltem a ser alcançados nos próximos cinco anos.

Espera-se que, em 2017, a produção de bens de capital cresça 4,1% e o consumo aparente, 3,7%.

Projeta-se alta de 18,1% no valor das exportações e queda de 21,2% das importações.



CENÁRIO SETORIAL CONSTRUÇÃO CIVIL

	BRASIL	MINAS GERAIS
NÍVEL DE ATIVIDADE (Sondagem Construção) MAR/17 ¹	44,5 pontos	44,8 pontos
PRODUÇÃO FÍSICA DE INSUMOS DA CONSTRUÇÃO CIVIL (ICC) MAR/17 ²	-3,6%	
CUSTO DA CONSTRUÇÃO/M ² (INCC-SINAPI)	VARIÇÃO 5,1%	3,9%
ABR/17 ² VALOR	R\$ 1.039,54	R\$ 989,27

DESTAQUES

Os resultados da pesquisa Sondagem da Construção (CNI/FIEMG) apurados em março deste ano, tanto para o Brasil quanto para Minas Gerais, permaneceram abaixo da linha dos 50,0 pontos, apontando recuo da atividade do setor. Os dois índices, entretanto, alcançaram o maior patamar desde julho de 2014, sinalizando retração menos intensa da atividade.

Em relação ao mercado de trabalho, Minas Gerais apresentou geração líquida de 1.183 vagas no primeiro trimestre de 2017. No Brasil, registrara-se a diminuição na magnitude da destruição de postos de trabalho de janeiro a março de 2017 (-23.634) na comparação com igual período de 2016 (-45.378).

A desaceleração no recuo da atividade do setor pode ser notada na análise da produção nacional de insumos da construção civil. Apesar do decréscimo na comparação interanual em março, houve moderação no ritmo de queda desde julho de 2016 (na análise do acumulado dos últimos 12 meses) e alta de 1,9% na margem no primeiro trimestre de 2017, após retração de 5,5% no último trimestre de 2016.

O custo da construção por metro quadrado fechou o primeiro quadrimestre do ano com elevações de 1,2% no Brasil e de 3,2% em Minas Gerais. O resultado ocorreu, sobretudo, pelo aumento nos custos com mão de obra, de 9,9% no país e 8,9% no estado. Vale ressaltar que, desde o início de 2017, nota-se uma desaceleração no incremento dos custos da construção, na análise do acumulado dos últimos 12 meses.



PROJEÇÕES³

Em relação à produção nacional de insumos para o setor, há expectativa de queda de 1,1% em 2017, após recuo de 12,0% no ano passado. Para isso, estima-se uma lenta recuperação ao longo do ano, com aumento médio de 1,8% na margem para os próximos três trimestres.

Paralelamente, a projeção para o custo nacional da construção é de aumento de 3,1%, após acréscimo de 6,6% em 2016. O cenário de fraca atividade econômica e elevada taxa de desemprego deverá limitar um maior incremento do custo da construção.



CENÁRIO SETORIAL INDÚSTRIA EXTRATIVA

PRODUÇÃO FÍSICA* MAR/17 ¹	BRASIL	7,0%	
	MINAS GERAIS	14,0%	
		QUANTIDADE	VALOR (US\$)
EXPORTAÇÕES MINÉRIO DE FERRO ABR/17 ²	BRASIL	-16,6%	60,1%
	MINAS GERAIS	-22,3%	55,1%

DESTAQUES

Em março, a produção nacional da indústria extrativa cresceu 7,0%, em relação ao mesmo mês do ano passado, configurando a quinta expansão consecutiva no indicador. O aumento da capacidade produtiva brasileira, com início das atividades do projeto da Vale em Carajás-PA, explicou o resultado positivo do setor.

Em Minas Gerais, houve acréscimo de 14,0% na produção. Esse foi o melhor resultado desde outubro de 2010, na comparação interanual. Após ter sido severamente impactada pelo acidente com a barragem de rejeitos da Samarco em Mariana, a indústria extrativa mineira mostra sinais recentes de recuperação.

O avanço da demanda por aço na China impulsionou o preço internacional do minério de ferro nos primeiros meses de 2017. No entanto, em abril, os altos estoques da *commodity* aliados às medidas de contenção da atividade imobiliária naquele país contribuíram para uma forte redução nos preços. A cotação da *commodity*, que encerrou março em torno de US\$83/ton., terminou abril próxima de US\$67/ton..

Além das mudanças no setor imobiliário chinês, a decisão recente do presidente americano de auditar os déficits comerciais de seu país pode impactar indiretamente a indústria extrativa brasileira. Possíveis restrições às exportações de aço da China para os EUA podem reduzir a demanda por minério de ferro no mundo.



PROJEÇÕES

As estimativas para a extração mineral brasileira são de aumento de 9,7%, alcançando cerca de 410 milhões de toneladas produzidas no ano. Conforme dito em outras edições do Monitor, em janeiro/17 iniciou-se a comercialização da produção do projeto da Vale no Pará, o que deverá favorecer o crescimento na produção.

A demanda de minério de ferro na China, nos próximos meses, deverá ser atendida por estoques acumulados, pressionando negativamente o preço da *commodity*. Nesse sentido, o preço do minério deverá alcançar US\$60/ton. no final de 2017, com risco potencial de atingir níveis inferiores a US\$50/ ton. em 2018.



CENÁRIO SETORIAL METALURGIA E SIDERURGIA

		BRASIL	MINAS GERAIS
PRODUÇÃO FÍSICA MAR/17 ¹		3,6%	-4,6%
FATURAMENTO MAR/17 ¹		0,3%	-3,8%
EXPORTAÇÕES ABR/17 ¹	VOLUME (Kg)	-12,9%	12,4%
	VALOR (US\$)	6,2%	4,1%

DESTAQUES

Os resultados do primeiro trimestre do ano mostraram que o setor de metalurgia apresenta sinais de recuperação. O consumo aparente de aço (total da produção, mais importações, menos exportações) cresceu 5% no primeiro trimestre de 2017, em relação ao mesmo período do ano passado. Esse resultado foi motivado pelo aumento de 73,1% nas importações de aço, dado que as vendas internas mostraram queda de 0,5% no período.

A produção de aço nacional cresceu 10,9% nos três primeiros meses do ano, voltada, basicamente, para as exportações. O aumento nas exportações nacionais foi motivado pela abertura de uma nova unidade produtiva no país, voltada para o mercado externo, e pelo esforço das empresas em exportar, dada a demanda nacional desaquecida, evitando, assim, o desligamento de fornos e novas demissões. Vale ressaltar que o saldo do emprego do setor no Brasil foi positivo no primeiro trimestre de 2017(1.949 postos), assim como em Minas Gerais (518 postos).

No mercado externo, merece a atenção um processo em andamento de auditoria dos déficits comerciais dos EUA, abrindo investigações, inclusive, sobre as importações de aço no país. Tal análise pode resultar em imposição de tarifas de importação ao produto, em linha com políticas adotadas em governos passados. Dessa forma, o setor siderúrgico de Minas Gerais, terceiro maior exportador brasileiro de produtos de aço para os EUA (US\$166 milhões em 2016), pode ser impactado diretamente pelas restrições às exportações brasileiras para o país norte-americano.



PROJEÇÕES

As expectativas dos empresários do setor de metalurgia são de aumento na demanda interna e nas exportações, assim como de manutenção das contratações. Os dados são da Sondagem Industrial, pesquisa elaborada pela Confederação Nacional da Indústria – CNI.

A projeção para a cotação média de bobinas laminadas a quente no Brasil é de expansão de 19,0% em 2017. O aumento das pressões de custos com *commodities* minerais, dada a trajetória ascendente das cotações em dólares do minério de ferro, em relação ao ano passado, contribui para o resultado.

O consumo aparente de aço deve registrar crescimento de 4,1% em 2017, em linha com a expectativa de melhora da atividade econômica, especialmente no setor automotivo.

MONITOR ECONÔMICO

FICHA TÉCNICA

REALIZAÇÃO:

Sistema FIEMG – Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais

PRESIDENTE:

Olavo Machado Junior

RESPONSABILIDADE TÉCNICA:

Assessoria Econômica da FIEMG

Esta publicação é elaborada com base em análises internas, desenvolvidas através de dados públicos.

Não nos responsabilizamos pelos resultados das decisões tomadas com base no conteúdo da mesma.

